



LISA SOARES / GLOBAL IMAGENS



"Quanto é que aumenta a despesa pública por cada turma que sai do privado para o público?"

Rodrigo Queiroz e Melo
Diretor da AEEC

Colégio Nossa Senhora do Rosário, no Porto, continua com longas listas de espera

Colégios privados sentem a crise mas de forma desigual

A **CRISE** está a afetar a maioria dos colégios privados, mas de forma diferente. Enquanto uns perdem alunos e turmas inteiras, outros mantêm os números ou até aumentam ligeiramente. Porém, todos admitem que há mais atrasos no pagamento das mensalidades e necessidade de ir encontrando soluções "caso a caso". No último ano letivo, as escolas privadas perderam cerca de dois mil alunos, uma quebra de 3,6%. Este ano, a Associação de Estabelecimentos de Ensino Particular e Cooperativo (AEEC), que representa 500 colégios, ainda não tem números concretos. A percepção de Rodrigo Queiroz e Melo, diretor executivo da AEEC, é de que as quebras di-

ferem consoante a zona geográfica e a dimensão dos estabelecimentos. "As pequenas organizações estão com muitas dificuldades, sobretudo fora dos centros urbanos", afirmou ao JN.

No contacto com uma dezena de instituições de ensino privadas foi possível perceber as diferenças. Casos como o Colégio do Rosário, o Luso-Francês, o Colégio da Paz (todos no Porto) e o Colégio Paulo VI, em Gondomar, contrariam a tendência de saída para o público. Aliás, até aumentaram as inscrições.

No Rosário, escola que todos os anos está no topo dos rankings nacionais, o diretor João Trigo dá-se ao luxo de ter uma lista de espera (alunos

inscritos que ainda não frequentam a escola) "na ordem das centenas". Com essa bolsa, vai colmatando as saídas que "estiveram um pouco acima do normal, sobretudo em anos intermédios". "Supomos que algumas saídas estejam relacionadas com dificuldades financeiras", refere, admitindo mais dificuldades das famílias em pagar as propinas, que vão dos 426 aos 498 euros (inclui o ensino).

EFANOR CRIA BOLSAS PARA APOIAR 36 ALUNOS COM PROBLEMAS FINANCEIROS

No Luso-Francês, colégio da Paz e Paulo VI as mensalidades não aumentaram nos últimos anos. Quando se deparam com atrasos, as direções procuram soluções que, normalmente, passam pela dilatação dos prazos de pagamento.

Outros colégios, como o da Paz, têm bolsas de estudo para apoiar alunos com dificuldades financeiras. Também a Fundação Belmiro de Azevedo, responsável pelo colégio Efanor (Matosinhos) que este ano teve uma quebra de 8% nas matrículas, decidiu antecipar em dois anos a criação de bolsas de estudo. Vão beneficiar 36 candidatos num total de 80 mil euros. Os colégios Fomento-Cedros (Gaia), Horizonte (Porto), Planalto e Mira Rio (Lisboa) - começam o ano com uma quebra de 5% no total de alunos. O Colégio Internato dos Carvalhos (Gaia) perdeu 50 alunos do 2.º e 3.º ciclos do básico. "Temos pais que andaram no colégio e inscreviam sempre cá os filhos que este ano tiveram mesmo de os pôr no público", refere o diretor José Manuel Pedrosa. **INÉS SCHRECK**

